



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Um clube, várias torcidas: as diferentes formas de pertencimento em torno do Botafogo da Paraíba

Autoria: Phelipe Caldas Pontes Carvalho (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

Ao longo de dois anos, durante pesquisa de mestrado que concluí e defendi em 2019, analisei as diferentes formas de torcer que existiam ? e ainda existem ? em torno do Botafogo da Paraíba, um clube de João Pessoa que é considerado de médio porte no país, mas que tem relevância no cenário atual do futebol nordestino e principalmente paraibano. Incomodava-me uma visão que eu considerava errônea da mídia, que ainda hoje costuma tratar os torcedores de um mesmo clube como algo homogêneo, indivisível, harmônico, pacificado, comumente adotando termos totalizantes como ?nação?, ?massa?, ?bando de loucos?, ?mundo de gente?, entre outros. Meu objetivo era justamente focar nas fronteiras, nas distinções, nas rivalidades e nos conflitos que eventualmente existissem em diferentes grupos torcedores, ainda que todos fossem a rigor botafoguenses, torcedores de um mesmíssimo clube de futebol. Pesquisei duas torcidas organizadas que no termo êmico são chamadas ?de pista?, formadas basicamente por torcedores pobres e mais afeitos ao conflito, uma torcida organizada de classe média, que tenta se dissociar da ideia de conflito atribuída ao termo ?de pista? e um grupo de torcedores que não se consideram organizados. A partir desses quatro, consegui refletir sobre como uma mesma arquibancada de futebol é plural, múltipla, extremamente tensionada em muitas oportunidades, com cada grupo se sentindo mais autêntico que o outro. Aboli o termo



?torcida?, no singular, e passei a pensar em ?torcidas? de um mesmo clube de futebol. Que estão em constante estado de mediações mútuas, ora exacerbando suas diferenças, ora negociando uma espécie de pacificação frágil, mas estrategicamente importante em certos momentos. Uma rivalidade entre torcidas, aliás, que reflete distinções existentes na própria sociedade, na própria cidade de João Pessoa, a partir de disputas de bairros, diferenças de classes sociais, preconceitos, etc. Diferentes formas de pertencimento que interferem também nos territórios que esses grupos definem como seus, dentro do estádio e mesmo pela cidade, que faz com que eles possuam distintas formas de viver a capital paraibana em dias de jogos do Botafogo-PB. Penso esses torcedores também como possuidores de uma ?identidade contextual?, defendida por Barth, que faz com que, por exemplo, duas torcidas organizadas do Botafogo-PB viajem juntas para um jogo fora de João Pessoa, como forma de se defenderem dos torcedores do clube adversário, pouco menos de dois meses depois de uma briga generalizada entre ambas. Em casa, esses torcedores se arvoram como sendo ?TJB? ou ?Fúria?, as duas torcidas rivais em questão; mas fora de casa acionam um ?ser botafoguense? que as unem frente a um rival comum. É, portanto, os resultados dessa minha pesquisa que pretendo apresentar.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: